

JUAN VALERA E A POESIA BRASILEIRA

Maria Eunice Moreira
PUCRS

Em 1856, quando a revista *Guanabara* encerrava suas portas no Rio de Janeiro, fechava-se também o ciclo das revistas literárias, que já registrara as iniciativas da *Niterói* e da *Minerva Brasiliense*. Essas publicações, segundo Antonio Candido, aglutinavam a geração dos românticos que oscilava entre duas literaturas – a portuguesa e a brasileira, dois períodos – o Neoclassicismo e o Romantismo, e duas eras políticas – a Regência e a Maioridade ou um certo liberalismo regencial e um acatamento à autoridade do monarca, reconhecendo que, durante a circulação dos três periódicos, muita coisa mudou no Brasil imperial. Assim, para o autor da *Formação da literatura brasileira, os primeiros românticos principiam a sua atividade na revista Niterói (1836), consolidam-na com a Minerva Brasiliense (1843-1844) e despedem-se na Guanabara (1849-1855)*.^{1/2}

Diferenciadas no tempo de circulação (a *Guanabara* sobreviveu por seis anos, enquanto a *Niterói* manteve-se por um ano), distintas na apresentação das matérias selecionadas para publicação, (a *Minerva* incluía estudos sobre Medicina, Botânica, Zoologia e ciências exatas) e individualizadas pela formatação, (a *Guanabara* apresentava-se materialmente mais rica), essas revistas caracterizaram-se por alguns aspectos comuns, que excedem a mera reunião dos românticos brasileiros: todas elas receberam patrocínio governamental e dependiam, em maior ou menor porcentagem, do auxílio direto do Imperador. Essa condição limitava as matérias nelas publicadas, que incluíam, de preferência estudos sobre a situação sócio-cultural européia e, em especial, a do Brasil, procurando manter, como diz Santiago Nunes Ribeiro, ao assumir a redação da *Minerva*, um nível que não a igualasse a outros magazines ou *armazéns de notícias e descrições nimiamente superficiais e populares*.³

¹ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975. p. 47.

² A revista *Guanabara* circulou entre 1849-1856, conforme comprovam os estudos de Hélio Lopes em *A divisão das águas: contribuição aos estudos das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)*.

³ LOPES, Hélio, *A divisão das águas: contribuição aos estudos das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. p. 36

Entre os temas tratados, figuravam estudos sobre o desenvolvimento da ciência no Brasil, páginas acerca da história brasileira, notas de viagem de artistas nacionais, monografias sobre economia colonial e até mesmo observações meteorológicas ou astronômicas, como a passagem de um cometa pela cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, os sustentáculos das revistas foram os assuntos dedicados às letras. Desde a *Niterói*, a literatura do Brasil ocupou posição de destaque entre os demais temas tratados, avultando-se, nos periódicos subseqüentes, as matérias relativas às publicações de páginas de ficção, poesia, e, em especial, de estudos sobre a formação da literatura nacional. A lista de colaboradores comprova a preferência pelos tópicos literários. Entre os ensaístas dominavam os literatos, pois aos pioneiros Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto-Alegre e Torres Homem, foram se somando Santiago Nunes Ribeiro, Joaquim Norberto de Sousa Silva, Carlos Emílio Adet, Antônio Francisco Dutra e Melo, com contribuições regulares sobre literatura, a que se juntavam outras figuras de maior ou menor expressão, com pouca freqüência nessas páginas, como o romancista Joaquim Manuel de Macedo ou a poetisa gaúcha Maria Josefa Barreto.

Se a regularidade da produção não se impunha como critério para a chamada dos colaboradores, a fidelidade ao Imperador transformava-se em aval para a inclusão de um nome nas revistas. Essa situação de favoritismo levou Hélio Lopes a reconhecer que, por ocasião do fechamento da *Guanabara*, as letras passariam a viver outro período, diferente do até então dominante, em que prevaleciam as relações de poder, por ele caracterizada como *a literatura dos barões e viscondes*.⁴

Não é de estranhar, portanto, que em 1856, quase ao apagar de sua luzes, a *Guanabara* publique o artigo “Da poesia brasileira”, de autoria de Juan Valera.⁵ As credenciais do crítico espanhol coadunavam-se com a política editorial para as revistas do Império: Juan Valera escrevia sobre a literatura brasileira, privilegiava um tema caro aos nacionalistas românticos e enquadrava-se no batalhão de elite da política espanhola.

⁴ LOPES, Hélio, *A divisão das águas: contribuição aos estudos das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. p. 5.

⁵ VALERA, Juan. Da poesia brasileira. *Guanabara*, revista mensal, artística, científica e literária, Rio de Janeiro, v. 7, 1855 e v. 12, 1856. As citações serão retiradas desses artigos, mencionando-se apenas o número do volume e das páginas.

Juan Valera y Alcalá Galiano era filho do diretor da Escola de Marinha da Espanha, mas apesar da profissão do pai, foi desencorajado a seguir a carreira militar. De família originária do Sul da Espanha, estudou Filosofia no Seminário de Málaga, Direito no Colégio del Sacro Monte, em Granada, onde se licenciou em Leis. Dois anos depois, obteve o título de bacharel em Leis, por influência de um amigo de seu pai, o Duque de Rivas, então embaixador da Espanha em Nápoles. A convite do nobre espanhol, incorporou-se à delegação pátria para viajar para a Itália, onde permaneceu dois anos, até partir para Lisboa, como agregado de número um do corpo diplomático de seu país.

É em Lisboa que Valera se entusiasma pelo Brasil, o que o leva a solicitar sua transferência para o Rio de Janeiro, como agregado de segunda classe do corpo diplomático. Na Capital do Império, permanece quase um ano, partilhando não só da vida diplomática, mas se integrando ao grupo de intelectuais nacionalistas ligados ao Palácio Imperial. De volta a Madri, em 1853, inicia carreira como crítico literário, publicando trabalhos na *Revista Española de Ambos Mundos* e em *La Revista Peninsular*, que fundou juntamente com Caldeira y Sinibaldo de Mas, em Lisboa. A partir daí, fortalece sua carreira política, tendo sido eleito deputado por sucessivas eleições, galgando as funções de Secretário do Congresso Nacional. Na carreira diplomática, alcançou o posto de Ministro Plenipotenciário em Frankfurt, Lisboa, Washington, Bruxelas, finalizando suas missões como embaixador da Espanha em Viena, cidade na qual se aposentou.

Sua atividade literária foi tão intensa quanto a diplomática, tendo publicado inúmeros livros no campo da poesia, ficção, crítica e história da literatura, o que o levou a ser recebido pela Real Academia Española, em 1873, com um estudo inovador sobre “La poesía popular como ejemplo del punto en que debieran coincidir la idea vulgar y la idea académica sobre la lengua castellana”. Embora preferisse ser reconhecido como poeta, foi, contudo, com *Pepita Jiménez*, obra de 1873, que Juan Valera passou à história da literatura espanhola, dada à popularidade do romance. Sua produção mais numerosa, contudo, volta-se para as obras críticas, tendo publicado obras volumosas e fundamentais para o conhecimento da literatura espanhola, nas quais se destacam *Estudios críticos sobre literatura, política y costumbres de nuestros días*, em dois volumes, *Florilegio de poesías castellanas del siglo XIX*, em cinco volumes e *Crítica literaria*, que compreende trinta volumes, publicados postumamente entre 1908 e 1912.

Em 1852, quando veio ao Brasil, Juan Valera pouca experiência apresentava nas letras. Com vinte e oito anos de idade, publicara até então apenas um livro, *Ensaio poéticos*, em 1844, resultado de suas leituras e interesse pelas letras. Foi após o regresso de sua viagem ao Rio de Janeiro que inicia de modo mais sistemático suas publicações literárias, escrevendo nos periódicos espanhóis, especialmente na *Revista de Ambos Mundos*. É justamente nesta revista que publica um texto intitulado “De la poesía de Brasil”, posteriormente traduzido e incluído na *Guanabara*, em 1856, sob o título “Da poesia brasileira”.⁶

Dividido em duas partes, o artigo de Juan Valera aparece em dois números da revista carioca, respectivamente, no número sete do tomo três e no número doze, do mesmo tomo, ambos em 1856, por julgar o tradutor *que seria agradável aos nossos leitores a tradução de alguns trechos dum artigo inserto na **Revista Espanhola de Ambos os Mundos**, relativos à poesia brasileira, por nos parecer escrito com graça e circunspeção.*⁷

“Da poesia brasileira” não só privilegia um assunto particularmente interessante ao autor espanhol, como também resulta de suas observações uma visão que, em certos pontos, ratifica as idéias dos românticos nacionais, mas, em outros, amplia e, de certa forma, contradiz teses defendidas pelos nacionalistas. O ângulo de visão do crítico europeu é a cidade do Rio de Janeiro e Valera mostra-se um *voyeur* perspicaz, que registra o movimento das ruas, os costumes dos salões, o hábito dos diferentes tipos raciais e o comportamento das distintas classes sociais.

Valera inicia seu longo texto por um registro já utilizado por Ferdinand Denis: *Esta disposição do povo brasileiro para a poesia e para a música está em todas as raças de que é composto e complementa: Pelas ruas do Rio de Janeiro ouve-se de contínuo música.*⁸ Esse fundo musical advém, sobretudo, dos negros, que cantam enquanto trabalham, e das senhoras cariocas, que com maior ou menor êxito, exercitam-se nos lundus e modinhas, as canções populares do país. Os compositores ainda não se destacam, mas com o passar do tempo e o exercício constante poderão igualar-se aos mestres europeus.

⁶ O texto de Juan Valera, “Da poesia brasileira”, encontra-se no acervo do Banco de Textos Raros de Literatura Brasileira, do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

⁷ V. 12, p. 197. [Nota de rodapé, sem autoria].

⁸ V. 12, p. 197.

O gosto pela música somente é igualado pela paixão pela poesia. Para Valera, o povo brasileiro, de modo geral, denota um pendor acentuado para a criação poética e, entre os produtores poéticos, menciona sobretudo os jovens, registrando que *não há moço que aos quinze anos não escreva sonetos e quadras*⁹ e que *todas as moças no Brasil possuem um álbum*¹⁰ em que reúnem seus poemas e esses. Apesar da mediocridade das composições, os versos revelam mais pureza de linguagem que a língua falada pelos portugueses, mantendo, entre os brasileiros, a forma dos antigos clássicos da lusitanos. Segundo Valera, a poesia produzida por esses jovens é divulgada especialmente nas festas familiares, pois *não há batizado, casamento, nem função, que não se celebre com meia dúzia de epitalâmios, horóscopos, epítáfios e nênias, em diferentes classes de metros e variados estilos*.¹¹ Para extrapolar o âmbito meramente familiar, é necessário que o autor pague uma certa quantia para que os versos passem às páginas dos periódicos, completando com a informação *de que há periódicos que ganham muito com tal indústria*¹², razão pela qual preparam alentados volumes semanais com os poemas dos novatos.

É, contudo, quando aborda o tema dos negros e índios como produtores poéticos, que o texto da *Guanabara* torna-se mais inovador e instigante. Nesse ponto, não só compara o Brasil com outros lugares onde a cultura africana se desenvolveu, como aborda um tema até intocado pela geração romântica, que desconhecia qualquer manifestação poética entre os homens de cor. Para Valera, quando os negros criam versos, apresentam maior facilidade em composições em português, porque logo esquecem sua língua-mãe. Suas criações poéticas, porém tornam-se efêmeras, porque os autores não as podem registrar em virtude de sua condição de analfabetismo. Isso acarreta sérios problemas à literatura brasileira e impede o aparecimento de uma literatura negra, no Brasil, ao contrário do Haiti e da Libéria, países nos quais a *Revista Española de Ambos Mundos* já anuncia esse filão.

A simpatia que Valera demonstra à literatura produzida pelos escravos não se estende a outro segmento étnico, tão caro aos nacionalistas românticos, qual seja, a dos índios. Embora, diz ele, muito se fale da história dos poetas guerreiros e dos seus piagas, que profetizavam em

⁹ V. 12, p. 198.

¹⁰ V. 12, p. 198.

¹¹ V. 12, p. 198.

¹² V. 12, p. 198.

verso, opõe-se à tese de que os selvagens poderiam apresentar versos com qualidade, dada à rudeza da vida selvática. Além disso, as línguas indígenas não seriam adequadas para esse tipo de atividade, por serem imperfeitas e pobres, exigindo que para uma idéia fossem necessárias muitas palavras. Nesse ponto, também o texto de Valera apresenta-se instigante, porque sua posição contrária à de alguns nacionalistas, que se empenhavam na comprovação da existência de literatura entre os índios, inclusive recuperando e transcrevendo textos produzidos pelos índios, como Joaquim Norberto que na sua inconclusa história da literatura, publicada na *Revista Popular*, registra versos produzidos pelos selvagens, ao lado de uma versão em língua portuguesa e outra em língua alemã.

Desconsiderando a produção poética dos negros ou dos índios, Valera volta-se para buscar a autêntica poesia brasileira, criada pelos verdadeiros brasileiros, descendentes dos portugueses. A pesquisa não leva a resultados muito objetivos, pois o crítico, agora historiador, não encontra nenhum poeta que possa figurar no panteão nacional. Até a metade do século XIX, não há poeta brasileiro, porquanto os que havia *só o eram pelo nome e acaso de haverem nascido no Brasil*,¹³ consoante as palavras de Pereira da Silva.

O título de poeta nacional só pode ser atribuído ao escritor que aproveitar, em suas criações, a inspiração da natureza americana, fator de distinção entre a produção européia e a nacional. Em sua opinião, a originalidade da poesia brasileira encontra-se na epopéia do século XVIII, nos textos de Basílio da Gama e de Santa Rita Durão, cabendo ao autor de *O Uruguai* a posição de pioneiro *tanto na ordem de publicação, como na correção*.¹⁴

Valera aprova em Basílio a facilidade em versificar e valoriza, no poema, o estilo e a forma. Três episódios, então, tornam-se paradigmáticos da nova poesia brasileira e são transcritos pelo autor do artigo, que ressalta neles o estilo natural e grandiloqüente: o sonho em que Cacambo é aconselhado por Sepé a atear fogo no acampamento inimigo, a cena preparatória do casamento de Lindóia e Baldeta, e a morte de Lindóia. O crítico destaca os episódios em que prevalecem as grandes descrições, mais ainda, as cenas em que as figuras indígenas tornam-se centrais. Isso é coerente com a posição do próprio Valera que já firmara em outra

¹³ V. 12, p.200.

¹⁴ V. 7, p. 311.

passagem de seu artigo que estas construções encerram muita poesia, ainda que esta *poesia esteja mais na beleza das descrições, e na novidade dos objetos que nos caracteres, que se traçam, e nos sucessos, que se contam.*¹⁵

A simpatia que devota a *O Uruguai* não se estende, contudo, ao autor do poema (Basílio é ingrato para com os padres que lhe deram educação), como também reprova a escolha do tema da epopéia (um libelo contra os representantes da Companhia de Jesus). Talvez seja por essas questões, que seus comentários mais efusivos dirigem-se ao *Caramuru*, de Santa Rita Durão, poema *de mais interessante e variado argumento, de maiores dimensões, e com mais entusiasmo e delicada ingenuidade escrito, ainda que por desgraça não muito castigado e correto na forma.*¹⁶ Comparativamente, a análise de *O Uruguai* e a de *Caramuru* permitem constatar uma inversão entre um e outro poema: enquanto no texto de Basílio, a forma sobrepuja o assunto, em Santa Rita, o tema sobrepõe-se à forma, que, em *Caramuru*, *apresenta-se desalinhada e frouxa.*¹⁷

A preferência pelo poema de Santa Rita Durão faz sentido se considerada a concepção cristã ao avaliador: Valera agora aprova o tema, porque os índios recusam sua mitologia e declaram a fidelidade ao deus cristão. A aceitação de um Deus católico em substituição a Tupã é também responsável pela instauração de um modo de viver mais civilizado entre os silvícolas, que inclusive abandonam a prática da antropofagia. Valera afirma que *Caramuru se informa miudamente das idéias religiosas dos índios, e vê com surpresa que sabem cousas tão elevadas acerca de Deus, do diabo e da vida futura, que não é possível que as hajam inventado, parecendo reminiscências de uma revelação primitiva, ou da pregação de S. Tomé.*¹⁸

A simpatia pelos jesuítas, laboriosos e inteligentes membros da Companhia de Jesus e, sobretudo, a fidelidade à doutrina cristã, leva o crítico a aprovar mais um elemento no *Caramuru* sobre o poema de Basílio: a restauração do equilíbrio em que duas etnias distintas – índios e europeus – se ajustam e passam a viver em harmonia, sob a égide de um deus cristão. É evidente que, para Valera, dentro de sua ótica cristã, o tema do poema de Santa Rita deve ser considerado superior: nele vigoram valores brancos e europeus, e ainda

¹⁵ V. 7, p. 311.

¹⁶ V. 7, p. 317.

¹⁷ V. 7, p. 317.

¹⁸ V. 7, p. 319.

que os índios apareçam como protagonistas do texto épico, como valentes e corajosos, tornam-se, ao final, personagens passivas, cuja função na epopéia resume-se a apresentar a faceta exótica da nação americana. Daí ser compreensível a avaliação final de Valera sobre o poema de Santa Rita Durão: *ainda que começado prosaicamente acaba ao gosto de todos, porque não só deixa fundada, senão florescente a colônia, os índios felizes, e Diogo e Catarina ainda mais felizes, honrados e queridos nela.*¹⁹

Dos extensos comentários sobre as epopéias brasileiras, Valera dedica, ao final de “Da poesia brasileira”, rápidos registros sobre a poesia, considerando as obras de Basílio e Durão como portas de entrada para qualquer criação artística nacional. Assim, seguindo a influência dos mestres do passado e considerando o novo quadro cultural propiciado pela Independência, que acelera nos brasileiros o desejo de se manifestar, observa a proliferação de escritores nas diferentes classes sociais: políticos, médicos, lentes de faculdade, gentis-homens, todos se exercitam nos versos, provando a fecundidade da literatura no Brasil. Entretanto, entre esse elenco de produtores, destaca apenas um nome que merece ser particularmente citado. Trata-se de Gonçalves Dias, em cuja produção ressalta a preocupação em tematizar as coisas do Brasil. A relação de poemas do autor de *Primeiros cantos*, citada no artigo, comprova que ao crítico espanhol interessam os versos que exploram o cenário do país. *Y Juca Pirama*, *A mãe d’água*, *O gigante de pedra*, *Gosto de olhos verdes*, *Marabá*, *Tabira*, mencionados no artigo, são textos em que o poeta excede-se em demonstrações patrióticas, comprovando que a seleção do patrimônio literário se efetiva pela maior representação do espaço americano. Se a originalidade é o grande mérito de Gonçalves Dias, Valera ajunta-lhe outro predicado – o de ser *o mais popular dentre todos os poetas brasileiros*,²⁰ o que justifica o destaque a ele concedido.

Para figurar ao seu lado, coloca apenas o autor de *Colombo*, segundo ele, um *poeta tão novo e extraordinário, tanto em suas belezas quanto em seus defeitos.*²¹ A valorização da obra de Araújo Porto Alegre decorre, novamente, da pintura e exaltação das grandezas e formosuras do Novo Mundo, ratificando, ainda uma vez, a importância que assume para o autor do artigo a criação artística consoante com o espírito romântico e, sobretudo, nacionalista.

¹⁹ V. 7, p. 321.

²⁰ V. 7, p. 323.

Visto sob a ótica da historiografia de nosso tempo, o texto de Juan Valera pode ser lido como mais um texto incluído na revista *Guanabara* pela única justificativa de que seu autor compartilhava com a conhecida turma dos *barões e viscondes* que rodeavam o Imperador e garantiam as bases para o fortalecimento de um incipiente nação. Diplomata de carreira e entusiasmado pela natureza brasileira, deixou-se impressionar com o novo cenário que se deparava frente a seus olhos, fato que se deduz principalmente porque lamentou, depois de sua volta à Espanha, não ter conhecido outras grandezas brasileiras, cuja visão lhe possibilitaria sobrepujar as *cosas más estupendas de las que viram y notaram Fernán Mendez Pinto y Simbad, el mariujo*, como relata Brito Broca.

No entanto, o artigo de Juan Valera não se limita ao deslumbramento frente à natureza brasileira, mas se soma aos textos de outros estrangeiros, como Ferdinand Denis e Simonde de Sismondi, complementando com dados significativos as observações de seus antecessores sobre a literatura brasileira. Em primeiro lugar, Valera mostrou-se um arguto observador da vida cultural da cidade do Rio de Janeiro, deixando anotadas particularidades da vida urbana, como o envolvimento das pessoas e das diferentes classes sociais com a música e a poesia, e conferindo ao seu artigo uma conotação sociológica que comprova a preocupação do crítico em analisar as manifestações artísticas dentro de seu entorno cultural.

Um segundo ponto positivo do texto de Valera diz respeito à contribuição do artigo para a história da literatura brasileira, principalmente quando comparado com o registro de outro estrangeiro, Ferdinand Denis. Sem desmerecer o autor do *Resumo da história literária do Brasil*, Valera registra autores e obras do passado e da [sua} contemporaneidade, dando provas concretas da existência de uma literatura autenticamente nacional. Enquanto o estudioso francês pronunciava-se sobre o futuro das letras no Brasil e orientava os brasileiros para o trabalho literário, o autor de “Da poesia brasileira” atestava aos olhos dos europeus que o projeto se concretizara: o Brasil possuía autores representativos e obras originais. Para os olhos dos nacionalistas românticos, o fato revestia-se de dupla importância: o artigo do crítico espanhol não só divulgava a produção nacional num periódico estrangeiro, como a seleção do material coincidia com os ideais dos homens de Letras, ao buscar no passado autores e obras do Brasil, de modo a propiciar elementos para a escrita da história da literatura.

²¹ V. 7, p. 323.

Apesar dos pontos positivos que podem advir da leitura do texto de Juan Valera, ao divulgar a literatura de uma país nascente para os leitores do Velho Mundo, é lícito reconhecer que, colocado ao lado de outros discursos sobre a literatura brasileira, ele apresenta uma face oculta e perigosa, pois comprova que cabe aos estrangeiros, ou melhor, aos europeus, definir e ratificar os critérios para definição de uma literatura que, nesse momento, se quer livre e original. Nesse sentido, se o critério da representação do espaço outorga independência à literatura, é esse mesmo índice que acaba por ratificar a dependência cultural do país, pois a seleção do nacional ainda constitui um jogo de dependências em que prevalece o discurso do estrangeiro. Desse modo, talvez se aplique a Juan Valera as palavras do Cônego Januário da Cunha Barbosa, ao inaugurar o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, agremiação que reunia a plêiade da intelectualidade do Império: *além de concorrer para o adorno da sociedade, influi poderosamente na firmeza de seus alicerces.*